

Fernando Pessoa

P — De onde vens?

P — De onde vens?

R — Não sei.

P — Onde vais?

R — Não me disseram (sei).

P — O que sabes?

R — O que esperei (Nada).

P — Que vês?

R — Sou cego.

P — Que vestes?

R — Estou nu.

P — Que tens?

R — Só a mim.

P — O que queres?

R — Ver a luz.

P — Que luz?

R — A que houver.

P — Qual é a que houver?

R — A que me for dada.

P — Se te a derem, como a verás?

R — Com meus olhos.

P — Se te a não derem, como a verás?

R — Com o meu coração.

P — Se te a nem derem nem não derem, como a verás?

R — Comigo [?]

P — Que tens ao pescoço?

R — O passado.

P — Que sentes sobre o peito?

R — O futuro.

P — Que tens que te a teus pés olha?

R — O presente.

P — Que sentes?

R — A treva, o frio, e o perigo.
P — Como os vencerás?
R — À treva pelo dia, ao frio pelo sol, ao perigo pela vida.
P — E como obterás o dia e o sol e a vida?
R — Não ficando cego, nem nu nem eu aqui sozinho.
P — Quem te criou?
R — Não sei.
P — Porque o não sabes?
R — Porque nasci.
P — Queres sabê-lo?
R — Sim, porque morrerei.
[Mestre do Átrio] — Basta que me digas sim.
O N[eófito] — Sim.
M[estre do] Á[trio] — A paz seja contigo.
Os nn. retomam as espadas. O SL toma *na mão direita a esquerda* do Neófito e
[. . .]
— Tenho [?].

s. d.

Pessoa por Conhecer — **Textos para um Novo Mapa** . Teresa Rita Lopes. Lisboa: Estampa, 1990: 80.